

A QUALIFICAÇÃO DO DEVER: DIÁLOGO ENTRE A ANÁLISE DO DISCURSO E A ABORDAGEM FUNCIONAL

Anna Flora BRUNELLI¹

Marize Mattos DALL AGLIO-HATTNER²

RESUMO: Neste trabalho, apresentamos algumas reflexões sobre o discurso de autoajuda, analisando enunciados deonticamente modalizados sob duas óticas complementares: a da Análise do Discurso francesa e a funcional. Considerando que a avaliação deôntica pressupõe sempre uma fonte ou causa e um alvo sobre quem incide a avaliação, verificamos como enunciados deonticamente modalizados contribuem para a construção da imagem de orientador do sujeito do discurso de autoajuda, sustentando-a linguisticamente. Além disso, avaliamos o papel que as formas atenuadas de manifestação dos valores deônticos desempenham nesse discurso, mostrando algumas vantagens da aproximação das abordagens que orientam a análise.

PALAVRAS-CHAVE: Modalidade deôntica. Análise do discurso. Funcionalismo. Autoajuda.

Introdução

O objetivo deste trabalho é investigar o papel da modalização deôntica na constituição do discurso de autoajuda, analisando a qualificação do dever sob duas

¹ Departamento de Estudos Linguísticos e Literários; Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas; UNESP; 15054-000; São José do Rio Preto; SP; Brasil; anna@ibilce.unesp.br

² Departamento de Estudos Linguísticos e Literários; Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas; UNESP; 15054-000; São José do Rio Preto; SP; Brasil; marize@ibilce.unesp.br

ópticas complementares: a da Análise do Discurso francesa (AD) e a do Funcionalismo de linha holandesa.

Para a AD, a ordem própria do discurso não se confunde com a ordem própria da língua, mas como a discursividade sempre se realiza sobre alguma base material, quando essa base é a língua, uma análise discursiva pressupõe uma análise linguística. Por outro lado, como a discursividade atravessa a língua sem se limitar a nenhuma de suas dimensões em especial (a semântica, por exemplo), cada discurso tem uma maneira própria de materializar-se, aproveitando de uma forma ou de outra os recursos de expressão linguísticos, o que, por sua vez, faz da análise discursiva uma análise não limitada pelas divisões internas da Linguística, nem dependente de uma ou outra de suas correntes. A esse respeito, Maingueneau (1989, p. 18) afirma que o discurso “possui sua ordem própria e é deste ponto de vista que é preciso avaliar o interesse dos aparelhos linguísticos de que se utiliza”. Cabe, então, ao analista, recuperar as formas dessa materialização e revelar os seus efeitos de sentido, a partir dos recortes que julgar pertinentes para realizar essa tarefa, recortes esses feitos com base nas hipóteses iniciais que formula a respeito do discurso que pretende analisar. Para isso, o analista pode convocar, a princípio, qualquer aparato teórico-metodológico.

Neste trabalho, vamos nos basear em uma abordagem funcionalista da modalidade (HENGEVELD, 2004), dada a abrangência desse tipo de análise, que considera os níveis pragmático, semântico e sintático de forma integrada, em uma perspectiva que analisa a língua no uso propriamente dito.

Considerando que uma análise funcionalista incorpora os fenômenos inerentes ao processamento do discurso, pretendemos mostrar que a análise funcional da modalidade deôntica pode contribuir para o entendimento do papel do sujeito-enunciador do discurso de autoajuda.

Sobre o discurso de autoajuda

Reunidas sob rótulo “autoajuda” encontram-se publicações que prometem ensinar fórmulas infalíveis para a realização bem sucedida de uma série de tarefas, tais como: ter sucesso profissional e financeiro, conquistar autoconfiança, o parceiro ideal ou um emprego melhor, curar doenças crônicas, resolver problemas de personalidade etc. São obras que tratam de várias aspirações corriqueiras, comuns

a um conjunto indefinível de pessoas dos mais variados lugares, classes sociais e idades.

Uma característica desse tipo de discurso é a objetividade; afinal, um livro de autoajuda é muito mais um conjunto de orientações do que um convite à reflexão. Assim, qualquer um desses livros “prioriza o que interessa”, ao apresentar, ao lado de um conjunto relativamente pequeno de teses, um conjunto de frases que orientam os seus leitores em seu caminho rumo ao sucesso. Isso explica a grande quantidade de frases imperativas que se encontra nesses livros. Espécie de manual de sobrevivência do mundo atual, os livros de autoajuda dispensam as discussões de suas teses ao apresentá-las como verdades inquestionáveis. No lugar da reflexão acerca do que propõem, eles oferecem aos seus leitores supostas receitas e segredos para solucionar qualquer tipo de problema.

Um bom exemplo desse tipo de publicação é o livro *O sucesso não ocorre por acaso* (RIBEIRO, 1992), que se propõe a discutir a *Ciência do Sucesso* (RIBEIRO, 1992, p. 11), segundo a qual o sucesso pode ser conseguido por meio de uma atitude mental positiva. Por isso, sugere-se aos leitores que adotem uma forma ideal de formular pensamentos e de enunciar. Como a mente reproduz tudo o que se pensa e se diz, deve-se saber exatamente o que se quer e se concentrar nisso, formulando o pensamento e o que se diz com objetividade e assertividade, para não atrair justamente o que é indesejado.

Para a análise do papel da modalidade deôntica no discurso de autoajuda, escolhemos essa publicação por considerá-la representativa desse discurso, inclusive em função da fama alcançada por Lair Ribeiro, reconhecidamente um autor de autoajuda. Nos moldes de Maingueneau (1983), assumimos que, se o discurso pode mesmo ser entendido como um conjunto de coerções semânticas, então estas devem estar em todo e qualquer um dos textos desse discurso. Assim, basta selecionar apenas um texto representativo do discurso em questão para encontrar os traços que o singularizam.

O sujeito-enunciador do discurso de autoajuda

Conforme já dito, o discurso de autoajuda busca ensinar, aos seus enunciatários, o que fazer para alcançar uma série de aspirações comuns a um grupo indefinido de pessoas. Desse modo, podemos dizer que ser sujeito-enunciador do discurso de autoajuda é assumir um lugar de saber, ou seja, é colocar-se num lugar de enunciação que implica ter um conhecimento especial ou específico para

ser transmitido. Enunciar a partir desse lugar é apresentar-se como tendo esse saber e, realizando este ato, simular que é legítimo fazê-lo.³

No texto em análise, a presença do sujeito enunciador de saber fica extremamente clara na medida em que esse sujeito:

- a) apresenta definições/explicações na forma de asserções afirmativas:
 - (01) Por isso vamos dar uma definição que servirá para todo mundo: Sucesso é conseguir o que você quer! (p. 10)
 - (02) A maior parte da realidade é algo que criamos dentre das nossas cabeças a partir de um terceiro componente que não é visível. (p. 26)
 - (03) Delegar é dar oportunidade para outra pessoa treinar. (p. 107)

- b) revela aos seus enunciatários o significado de certos fatos:
 - (04) Isso significa que uma pequena diferença em desempenho faz uma tremenda diferença no resultado. (p. 09)
 - (05) O sucesso significa nunca parar, ou seja, sempre ir em busca de algo mais. (p. 29)
 - (06) Ser sadio significa ter energia para fazer tudo o que se deseja na vida. (p. 49)

- c) corrige outros discursos ou o discurso dos outros:
 - (07) Dizem que as pessoas como Einstein já nascem gênios. Não é verdade. Alguns realmente nascem com uma potencialidade maior. No entanto, se estamos usando somente três a quatro por cento de nossa capacidade mental, basta usar um pouco mais dos recursos que temos, para conseguirmos alcançar ou ultrapassar a inteligência de quem nasceu com maior potencialidade. (p. 13)
 - (08) São Tomé dizia: é preciso ver para crer. Mas ele se enganou, pois o contrário é que é verdadeiro: é preciso crer para ver. (p. 40)
 - (09) “Eu trabalho para a empresa tal. Esse é um dos maiores erros que você pode cometer contra você mesmo: pensar que trabalha para alguém, para outra pessoa ou para uma empresa. Você trabalha para você!!! (p. 102)

³ Parafraseamos aqui o seguinte enunciado de Maingueneau (1989) a respeito do uso das aspas: “Colocar entre aspas não significa dizer explicitamente que certos termos são mantidos à distância, é mantê-los à distância e, realizando este ato, simular que é legítimo fazê-lo (p. 90).

Considerando enunciados como esses, podemos afirmar que o saber do sujeito-enunciador do discurso de autoajuda compreende dois “saberes : o saber revelado e o saber pressuposto. O primeiro diz respeito ao saber que o sujeito-enunciador demonstra ao oferecer, a seus enunciatários, orientações, conselhos, explicações e definições. Já o segundo se refere ao saber que o autoriza a enunciar, isto é, àquele saber que ele, *enunciando como sujeito-enunciador do discurso de autoajuda, assume ter como legítimo*. Esse último funciona como uma espécie de pressuposto pragmático, nos termos propostos por Maingueneau (1996), que os opõe aos pressupostos semânticos. Enquanto esses são elementos do conteúdo dos enunciados, os pressupostos pragmáticos se relacionam à enunciação, às condições de êxito do ato da linguagem. Tendo em vista que qualquer ato de linguagem, por sua enunciação, implica que as condições de sua legitimidade estejam reunidas, Maingueneau entende que essa “implicação pode ser reformulada como pressuposto pragmático, isto é, como o conjunto de condições que devem ser respeitadas para que os atos de linguagem tenham êxito.”⁴

Uma vez que ser sujeito de um discurso é ocupar um lugar de enunciação,⁵ podemos dizer, traçando um paralelo com os pressupostos pragmáticos, que no discurso de autoajuda há um saber que funciona como uma espécie de “pressuposto discursivo”, assumido por todo aquele que enuncia a partir dessa posição enunciativa, como uma condição que deve ser respeitada para que a sua enunciação (com as orientações que sugere, as definições que apresenta, etc.) seja considerada legítima, o que, de um ponto de vista mais amplo, significa dizer: para que o discurso de autoajuda possa se legitimar. É nesse sentido que afirmamos que o saber pressuposto é o que autoriza o sujeito-enunciador de autoajuda a enunciar, na qualidade de uma das condições de sua realização.

Esse saber do sujeito-enunciador do discurso de autoajuda, além de particularizar-lhe a enunciação, desempenha um papel bastante importante na constituição desse discurso, pois reveste o sujeito-enunciador da autoridade necessária para que possa dar ordens a seus enunciatários. Na enunciação de afirmações deônticas, o sujeito-enunciador define o que seus enunciatários devem e o que não devem fazer, conforme se verá a seguir.

⁴ Em outras palavras, trata-se das mesmas considerações subjacentes às condições de felicidades de Austin (1962).

⁵ Cf. Foucault (1969).

A manifestação dos valores deônticos no discurso da autoajuda

A qualificação deôntica se aplica a uma proposição relacionada à necessidade ou possibilidade de atos realizados por agentes moralmente responsáveis. O que essa proposição descreve, afirma Lyons (1977), não é um ato propriamente dito, mas o estado de coisas que será obtido se o ato em questão for realizado. Assim, a avaliação deôntica pressupõe sempre uma fonte ou causa e um alvo sobre quem incide a avaliação.

Em uma abordagem funcional das modalidades, Hengeveld (2004, p. 1192) descreve a modalidade deôntica como um modificador ou operador de estado de coisas, estabelecendo a distinção entre dois “alvos de avaliação” da modalidade deôntica: o participante e o evento. Na primeira, o participante é qualificado como aquele que tem a obrigação ou a permissão para se engajar no evento descrito pelo predicado. Na segunda, um evento é caracterizado como obrigatório ou permitido dentro de um sistema de convenções morais e legais. Na medida em que a modalidade orientada para o evento não incide sobre um participante específico, a obrigação ou permissão é representada como regra geral de conduta. Também nesse caso, a indicação da fonte da obrigação ou permissão é menos específica, o que configura a modalidade orientada para o evento como menos impositiva, conforme se verá adiante.

Qualquer que seja o subtipo de dever veiculado (obrigação, permissão ou necessidade), ou o seu alvo (o participante ou o evento), observa-se que os enunciados deonticamente modalizados funcionam sempre como instrumentos à disposição do enunciador para impor vontades sobre o enunciatário, regulando seu comportamento por meio de ordens e proibições.

No nível do enunciado, a modalidade deôntica pode ser expressa por verbos auxiliares, advérbios e adjetivos em posição predicativa. Na obra em análise, os valores deônticos são expressos por verbos modais, como em (10) a (12), e por adjetivo em posição predicativa, como em (13). Observa-se que o participante, qualificado como aquele que tem a obrigação de se engajar no evento, é apresentado ora como o enunciatário (10), ora como enunciador e enunciatário juntos, em uma clara estratégia de aproximação e envolvimento (11 e 12). A expressão adjetiva da modalidade (13) permite que o evento como um todo seja qualificado como o alvo deôntico:

- (10) Não tem nada de errado com o mundo em si. O caso não é mudar o Brasil nem a sociedade. Você é que tem de mudar. Se você mudar, o mundo muda com você. (p. 42)
- (11) Sempre se disse que devemos desenvolver os pontos fracos na nossa vida. Isto não está correto. Na verdade, devemos nos concentrar em nossas qualidades. (p. 57)
- (12) Nosso cérebro precisa aprender a ver as oportunidades, pois na nossa educação não somos treinados para isso. (p. 19)
- (13) É preciso dar oportunidade para que as pessoas e as coisas possam mudar. (p. 27)

Além da expressão lexical, os valores deônticos também se manifestam pelo modo imperativo:

- (14) Comece logo a fazer que o sentimento aparece, as coisas mudam fora e dentro de você. [...] Ouse fazer e o poder lhe será dado. (p. 43)
- (15) Trabalhe seu ponto forte, que o resto se fortalece (p. 52)
- (16) Faça coisas de graça e você verá que o mundo vai lhe devolver a doação. Isso não significa que você não deva valorizar o seu trabalho. Pratique a Síndrome de Robin Hood – cobre caro do rico e ajude o necessitado. Além disso, pratique a generosidade, dando, às vezes, até para quem não precisa. (p. 55)

Quando a modalidade é expressa lexicalmente, a qualificação deôntica incide sobre o participante, como se vê em nas ocorrências (10) a (12), ou sobre o evento, como em (13). As manifestações da modalidade deôntica expressas pelo imperativo, na medida em que instauram uma relação hierárquica entre os enunciatários, não servem à expressão da modalidade orientada para o evento, como se vê nas ocorrências (14) a (16) acima.

Às muitas formas de manifestação do dever disponíveis na língua portuguesa o falante pode, ainda, acrescentar mecanismos que promovam a atenuação do caráter autoritário da qualificação modal deôntica, como ocorrem em (17) a (19):

- (17) Para sermos bem sucedidos na vida, precisamos dos dois hemisférios cerebrais em equilíbrio. (p. 45)

- (18) Precisamos ser capazes de trabalhar com os dois lados do cérebro. (p. 45)
- (19) Tudo que é importante na vida você não faz certo da primeira vez. Temos que estar preparados para aprender com as falhas. (p. 53)

Pelo uso da primeira pessoa do plural, o sujeito-enunciador se inclui entre aqueles sobre quem recai a obrigação e, ao mesmo tempo, atenua seu papel de fonte instauradora da obrigação. Esses dois movimentos, de aproximação e apagamento, promovem uma diminuição natural da força da qualificação deôntica, na medida em que neutralizam momentaneamente a posição hierarquicamente superior da fonte deôntica.

Uma outra forma de atenuação da assimetria imposta pela qualificação deôntica pode ser observada em enunciados como os seguintes:

- (20) O segredo da vida não é fazer o que você gosta. É gostar do que você faz. (p. 101).
- (21) Quem assume para si uma meta que não é sua está comprando sua própria infelicidade. (p. 83)
- (22) Se você vive em terreno de peru, é muito difícil você aprender a voar feito águia. (p. 55)

Uma análise mais detalhada desses enunciados⁶ permitiu-nos verificar que se trata de simulacros do gênero proverbial, que, assim como outros desse gênero, equivalem a injunções indiretas. Assim, esses enunciados, como tantos outros encontrados na obra em análise, podem ser parafraseados por enunciados deonticamente modalizados (respectivamente, teríamos: “aprenda a gostar das coisas que você faz”, “não assuma para si uma meta que não seja sua”, “não conviva com pessoas negativas e/ou “cerque-se de pessoas de sucesso etc.). A fórmula proverbial, no entanto, explicita o saber que o sujeito-enunciador detém, e que constitui a sua autoridade, deixando implícita a sua posição de fonte deôntica.

É interessante observar que essa atenuação do caráter autoritário da qualificação modal deôntica também se dá pela caracterização do enunciatário como aquele que tem de cumprir a obrigação ou necessidade instaurada. Como bem

⁶ Cf. Brunelli (2006).

aponta Lyons (1977, p. 824), “Se X reconhece que é obrigado a realizar algum ato, então geralmente existe alguma coisa ou alguém que ele reconhecerá como sendo responsável pelo fato de X ter a obrigação de agir dessa forma . Consequentemente, a identificação do sujeito sobre quem recai a obrigação traz implícita a existência de uma fonte deôntica, conforme se verá a seguir.

O enunciatário do discurso de autoajuda

Conforme já dito, do ponto de vista discursivo, o sujeito-enunciador do discurso de autoajuda se reveste de autoridade frente a seu enunciatário, tendo em vista que ele enuncia de um lugar de saber. Se, por um lado, cada vez que o sujeito-enunciador manifesta sua autoridade, ele está atestando o saber que o autoriza a enunciar tal como faz, por outro lado, suas manifestações de autoridade reforçam a posição inferior do enunciatário, caracterizado no discurso de autoajuda como alguém que necessita de uma “ordem , de uma orientação a respeito do modo como deve conduzir sua vida, seja porque é uma pessoa infeliz, seja porque é uma pessoa insatisfeita com a vida etc. Essa imagem do interlocutor discursivo pode ser apreendida em alguns enunciados, especialmente em interrogações, nas quais é interpelado diretamente pelo sujeito-enunciador por intermédio do pronome “você . Nas ocorrências abaixo, podemos perceber a imagem do interlocutor enquanto uma pessoa infeliz, ou carente, ou insatisfeita com a vida. Qualquer que seja o adjetivo é essencialmente alguém *cuja imagem justifica a necessidade de uma orientação*:

- (23) Agora olhe dentro de você. Tente perceber como está se sentindo neste exato momento. Como estão indo aqueles sonhos acalentados há tantos anos? Foram realizados plenamente? Parcialmente? Foram “arquivados ? Deram lugar a opções mais “reais ? Foram adiados para alguma ocasião mais propícia? Ou continuam piscando em certos momentos, no painel dos seus pensamentos mais íntimos? Você se sente satisfeito com o que já conquistou na vida? Almeja mais? Acredita nas suas chances? O que está faltando, afinal, para que você consiga ser realmente bem-sucedido? (p. 7)
- (24) Antes de continuar a leitura, relaxe um instante. Respire. Pense em você. Procure responder a si próprio, com a maior sinceridade: como está o seu relacionamento com outras pessoas? Ninguém pode fazê-lo sentir-se inferior sem a sua permissão (p. 31).

Assim como há um saber do sujeito-enunciador que faz parte dos pressupostos do discurso de autoajuda entendidos como condições de legitimação, podemos dizer que a carência do enunciatário também faz parte desse conjunto de pressupostos, tendo em vista que, quando se oferece uma orientação, pressupõe-se que o enunciatário esteja necessitando dessa orientação ou procurando-a. Caso contrário, o discurso de autoajuda não se legitimaria, pois seria considerado irrelevante, no caso de o enunciatário não necessitar das orientações, ou invasor, no caso de o enunciatário não estar procurando orientações. A esse respeito, devemos lembrar que oferecer orientações a alguém sobre como deve conduzir a vida, resolver seus problemas etc., é, de uma certa forma, invadir o espaço íntimo desse alguém, colocando-o numa posição inferior, daí o recurso, nos discursos cotidianos, a modalizações (“eu acho que você deveria ou poderia...”, “talvez você devesse...”, “quem sabe se você...”) e a formas mais ou menos cristalizadas (“vou te dar um conselho, se é que você me permite”, “sem querer ser intrometido etc.). Com esses recursos, procura-se manter uma relação cordial com o enunciatário e atenuar os efeitos da invasão cometida.

Considerando a teoria das faces de Brown e Levinson (1987), Maingueneau julga que todo ato de enunciação é, pelo menos potencialmente,

uma ameaça para uma ou várias dessas faces: dar uma ordem valoriza a face positiva do locutor, desvalorizando a do interlocutor; dirigir a palavra a um desconhecido ameaça a face negativa do enunciatário (é uma intrusão no seu território), mas também a face positiva do locutor (que pode ser visto como sendo excessivamente desinibido). (2001, p. 38)

Nesse sentido, um conselho não solicitado é uma ameaça para a face negativa do enunciatário, daí a recorrência a estratégias que amenizem essa ameaça, conforme vimos acima. A respeito das estratégias usadas pelos interlocutores para a preservação das faces, Maingueneau afirma:

Visto que uma mesma fala pode ameaçar uma face com o intuito de preservar uma outra, os interlocutores são constantemente levados a buscar um acordo, a negociar. Eles devem efetivamente procurar um meio de preservar suas próprias faces sem ameaçar a de seu parceiro. *Desenvolve-se, então, todo um conjunto de estratégias discursivas para encontrar um ponto de equilíbrio entre essas exigências contraditórias.* (2001, p. 39, grifo nosso)

No caso do discurso de autoajuda, no qual não se encontra a aplicação desses recursos, essa questão se resolve, linguisticamente, por meio das formas atenuadas de manifestação dos valores deônticos, e pragmaticamente, com a integração da carência de orientação do enunciatário ao conjunto de pressupos-

tos que operam a legitimação desse discurso. De uma forma mais específica, o estatuto de “desorientado” do enunciatário do discurso de autoajuda legitima esse discurso, sustentando especialmente o estatuto de orientador do sujeito-enunciador, tendo em vista que a sua legitimação se dá pela pressuposição da existência de alguém que necessite das “ordens” que formula a partir de seu saber.

Considerações finais

A análise aqui empreendida procurou evidenciar os ganhos que a integração da abordagem funcionalista com a Análise do Discurso traz para o entendimento dos efeitos de sentido e das condições de uso de categorias qualificacionais complexas, como é o caso da modalidade deôntica, que atua tanto no nível da estrutura interna da predicação quanto no nível das relações pragmáticas que se estabelecem no e pelo discurso.

BRUNELLI, Anna Flora; DALL AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. The deontic qualification: dialogues between Functional Grammar and Discourse Analysis. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 179-190, 2009.

ABSTRACT: *Taking into consideration the French Discourse Analysis and the functional approach, this paper analyzes the role of deontic utterances in self-help discourses. Assuming that the deontic evaluation presupposes both the source and the target of an obligation or permission, we try to demonstrate how the deontic modalized utterances works in the building of the speaker's advisor image. The paper also analyzes the role of attenuation and the benefits of this approach to the understanding of the deontic modality and the self-help discourse.*

KEYWORDS: *Deontic modality. Discourse analysis. Functional grammar. Self-help.*

Referências

AUSTIN, J. L. **How to do Things with Words**. Cambridge: Harvard University Press, 1962.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BRUNELLI, A. F. Aconselhamento de autoajuda: um caso de captação do gênero proverbial. *Alfa*, [S.l.], v.50(2), p. 113-128, 2006.

FOUCAULT, M. **L archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.

HENGEVELD, K. Mood and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (eds.) **Morphology: A handbook on inflection and word formation. v. 2**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 1190-1202.

LYONS, J. **Semantics**. v.2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MAINGUENEAU, D. **Semantiqué de la polemiqué**. Lausanne: L'Age d'homme, 1983.

_____. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas: Fontes/ Editora da UNICAMP, 1989.

_____. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

RIBEIRO, L. **O sucesso não ocorre por acaso**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.